

AULA INAUGURAL DE 1956

Prof. JOSE' CARLOS DA FONSECA MILANO *

Magnífico Reitor da Universidade.

Ilustrado Diretor da Faculdade.

Senhores Professôres.

Senhores alunos.

ordem geral e de tendência universal, não nos limitando, desta forma, ao aconselhá-los, a fazê-lo para o âmbito restrito de nossa cátedra.

ORGANIZAÇÃO

Por outorga da Congregação desta Faculdade coube-nos, este ano, a honrosa tarefa de proferir a aula inaugural de seus cursos. Pensamos, a princípio, realizar uma palestra nos moldes como o fazemos habitualmente, em nossa cátedra, e sobre matéria que lhe fosse pertinente, mas, a natureza desta solenidade, contando com a presença de vários setores da especialização profissional, nos fez considerar a maior oportunidade de um tema de ordem geral, capaz, pela sua natureza, de despertar interesse na totalidade deste douto auditório. Assim, fomos nós procurar inspiração no velho tema do ensino médico e da educação profissional. Em verdade êsse é o assunto que tem merecido a nossa preferência como atividade de pesquisa e a nossa cátedra tem realizado algumas experiências, posto em prática alguns métodos cujos resultados satisfatórios mais nos animaram a abordá-los na aula de hoje. Poderemos laborar em erro, porém estamos convencidos de nossa sinceridade de propósitos quando condenarmos ou elogiar-mos métodos de ensino. Não estamos enfrentando este tema pela primeira vez, contrariamente, já o abordamos quando da realização do Congresso Comemorativo do Cinquentenário da Faculdade e, posteriormente, discutimo-lo sobre novas bases perante a 1.^a Reunião da Sociedade Brasileira de Anatomia. Estamos certos da exequibilidade de aplicação de processos semelhantes a qualquer disciplina do curso, já que se tratam de medidas de

Entendemos que todos os fatores que se relacionem, de qualquer maneira, com o bom andamento de um instituto de ensino superior sejam igualmente importantes, e, entre êstes, ressaltam, pela sua significação, os relativos ao pessoal administrativo e ao material e instalações indispensáveis. Não nos deteremos, entretanto, na análise destes dois aspectos do problema por escaparem, nesta oportunidade, ao nosso objetivo. A Organização Mundial de Saúde justamente valorizando a significação de se estandarizar o material necessário ao funcionamento das chamadas disciplinas básicas, apresentou em 1953 um relatório no qual são apontadas as tremendas dificuldades decorrentes de fatores vários e no qual se tenta a unificação das necessidades materiais das diferentes escolas médicas mundiais. As referidas dificuldades emanam de fatores assim especificados: "As necessidades da educação médica, o curriculum, os métodos de ensino de diferentes professores, o grau de desenvolvimento de uma instituição e, as condições sociais, culturais e climáticas do país, terão a sua influência na determinação dos equipamentos necessários e qualquer tentativa de estandarizá-la ou unificá-la não será realística". Não obstante, a Unesco e a O. M. S., reunindo autoridades mundiais de tôdas as disciplinas chamadas básicas no ensino médico, e com as devidas reservas especificadas, enquadrou todo o material a que designou de "nuclear" como indispensável ao bom funcionamento de uma cátedra.

* Professor Catedrático de Anatomia Descritiva.

Admitindo-se que sejam satisfeitas aquelas condições de organização, trataremos das que mais diretamente se relacionam com o tema de hoje e pertinentes propriamente ao ensino e à educação médicas. Diríamos preliminarmente que, em nosso entender, neste setor, três outras condições regulam o desdobramento satisfatório do ensino em uma disciplina básica:

- a) — limitação de matrículas
- b) — número satisfatório de pessoal docente
- c) — trabalho em regime de tempo integral.

Limitação de matrículas

Parece-nos racional afirmar que quanto menor o número tanto melhor será o padrão de ensino. A questão estaria em sabermos si devemos considerar como optativo o ensino de quantidade ou o ensino de qualidade. E isto, queremos crêr, constitui-se em problema apenas porque pessoas ditas responsáveis, em declarações públicas ou feitas no próprio Congresso do país, têm opinado sistematicamente pelo aumento constante do número de matrículas em faculdades médicas, servindo de falso argumento o pretexto de que são, essas instituições, mantidas pelo governo e, como tal, sujeitas mais às suas determinações do que àquelas que emanam do real interesse do ensino. Admitimos que a educação pré-universitária, por motivos auferidos de sua própria natureza, deva na atualidade se dirigir à massa. Poderíamos ir além e chegar a tolerar no ensino superior que certos institutos, nos quais se ensina quasi que por pura doutrinação, não haveria maior diferença em aceitar-se 50 ou 200 alunos. Mas, estender-se o mesmo raciocínio para o ensino médico que está na estreita dependência do trabalho prático individual, tanto nos laboratórios quanto na exercitação em pacientes, será confissão simples de completa ignorância dos seus problemas. Aceitemos o exemplo que nos vem da larga experiência das escolas americanas neste setor. Dotadas das mais ricas e completas instalações não vão além de uma aceitação média de 70 alunos por série. Tanto naquele país se tem enaltecido o ensino individual que certa

faculdade, ligada a uma universidade californiana, está realizando uma experiência somente lá exequível, qual seja, a de ensinar aluno por aluno, não importando o que isto venha custar à intuição e... ao aluno.

Não negamos estar o nosso país a quem de suas necessidades médicas por índice populacional. Mas não pretendamos resolver o problema criando outro mais sério. Si necessário, aumentemos o número de médicos, porém criando novas instituições de ensino e nunca sacrificando a qualidade do oferecido pelas já existentes. Acreditamos estar a nossa faculdade convenientemente preparada para receber grupos de não mais de 60 estudantes. Estamos trabalhando para quasi o dobro daquele limite e teremos oportunidade de mostrar que em detrimento certo da qualidade de ensino. Sigamos os bons exemplos, com propriedade e sem exageros, porém não o façamos com os máus, frutos solertes da demagogia e da incompreensão. Inspiremo-nos na inexperiência de um irmão de raça que, por injunção de sua infelicidade histórica chegou a elevar o número de matrículas em sua principal escola médica a cifras astronômicas. Certamente aumentou no país o número de médicos, de doutores, e, com toda probabilidade atingiu-se à preceituação suficiente por grupos populacionais. Mas, sempre que lá um potentado qualquer, político, econômico ou social, necessitava serviços médicos, contratava-os no estrangeiro...

Número satisfatório de pessoal docente

Esta é, também, uma condição racional e indispensável em uma boa organização do ensino médico. Não compreendemos que um professor, com número exíguo de assistentes e trabalhando em regime de tempo parcial, possa organizar e manter a sua cátedra, ensinar a grupos dilatados de estudantes e, ainda, encontrar disponibilidade de horário para se dedicar a atividade de pesquisa. Mais adiante teremos oportunidade de discutir o problema da chamada "self education", hoje tão em voga e tão deturpada de sua real significação. A ela apelam freqüentemente certos mestres. O aluno que se eduque, aprenda, si quizer. Quan-

to ao professor... está investigando... As solicitações constantes dos estudantes nos laboratórios, expressas também em suas opiniões dirigidas à cátedra, mais o índice de aproveitamento verificado entre os estudantes orientados convenientemente em confronto com os abandonados à sua própria iniciativa, são também fatores importantes que muito nos dizem sobre a necessidade de docentes em número suficiente como condição de bom ensino.

Trabalho em regime de tempo integral

A excelência dos resultados advindos com a implantação do regime de tempo integral de trabalho, justificam plenamente as loas que se lhe têm cantado. Parece-nos, entretanto, fundamental que, para resultar verdadeiramente benéfico e sadio para a instituição que o adota deva representar um contrato justo de interesses mútuos, aquela recebendo toda a dedicação do indivíduo, a sua inteligência, o seu esforço; este recebendo o amparo legal da mesma, a sua assistência material bastante para que não sobre outra preocupação além da que decorre de seus problemas científicos e educacionais. Por força de nossa organização universitária os contratos não se processam dentro do que se poderia chamar de planificação ideal e, como consequência de sua unilateralidade, a universidade sacrifica o docente, o que não é justo nem produtivo e muito menos estimulante, ou o docente retribue à universidade com trabalho sem mérito, por pouco produtivo. Entendemos que medidas de caráter universal e tendentes e propostas no sentido da elevação no nível do ensino superior somente devam ser adotadas na plenitude de sua significação, sendo improfícuas as soluções intermediárias por implicarem no sacrifício do docente ou, o que nos parece pior, no da própria universidade. Contamos na organização de nossa cátedra com três assistentes, trabalhando em regime de tempo integral, mas bem sabemos que, não fôra as condições pessoais daqueles companheiros a situação teria sido insustentável. Por outro lado foi certamente a implantação daquele regime de trabalho que possibilitou ao Instituto de Anatomia ministrar seis cursos extraordinários além do curso normal pa-

ra a primeira série médica, durante o ano de 1955.

ENSINO E PESQUISA

Tanto se tem escrito, ultimamente, sobre a enorme significação deste tema que, si houvesse correspondência entre o que se escreve ou se diz e aquilo que se faz realmente, pouco ou nada sobraría ainda por fazê-lo. Uns escrevem, por doutos e experientes, com justeza e com propriedade abordam a magnitude do assunto e concluem de suas próprias observações; outros por diletantismo, por vaidade e até mesmo por ignorância, falam por ouvir dizer, mas nada concluem porque nada observaram. É próprio da época afirmar-se que o professor deva obrigatoriamente ser ainda um investigador e, avança-se ainda mais quando se afirma que o professor que não se dedica à investigação sistemática é um mero repetidor do que lê sem jamais poder transmitir o que observa. Para nós confunde-se grosseira e frequentemente **professor e cátedra**. Em verdade deve esta estimular o espírito de investigação científica não apenas entre seu pessoal docente como também entre os próprios estudantes. Da mesma forma que seria o ideal proceder-se à seleção vocacional para o ingresso no curso médico, o mesmo tipo de seleção do futuro pesquisador deve ser procedido em toda a cátedra ingressada em seus reais objetivos. Mas isto não implica em afirmar-se deva o professor ser ainda um investigador sob medida, pois ninguém ignora a diversidade de estruturação psicológica de um e outro: um, sintetizador de espírito e por formação pedagógica, deve transmitir com clareza e com segurança, condições inerentes ao bom didatismo; o outro, analista por excelência, introspectivo por constituição e natureza de seu trabalho, busca na razão de ser das coisas o seu objetivo imediato. Chamar-se o professor de mero repetidor é condenação formal à cultura, à experiência e à vocação aplicadas a uma finalidade específica. Este ponto de vista não exclue, contrariamente, proclama a necessidade de estar a investigação científica entre as finalidades imediatas de uma cátedra. Assim entende a Organização Mundial de

Saúde quando, procurando unificar o material indispensável ao funcionamento normal de um departamento de ensino, não inclui em suas listas equipamento adicional necessário ao trabalho de pesquisa, mas não o fazendo apenas pela sua enorme variedade. O relatório técnico de 1953 afirma textualmente: "De maneira alguma isto implica em que o trabalho de pesquisa não seja olhado como um componente indispensável das atividades de qualquer departamento de ensino." Reconhecemos a existência de figuras de excessão: desde Hipócrates, passando por Erófilo, Erasístrato e Galeno, encontrando, mais adiante, Berengário de Carpi, Cotugno, Vesálio, Pasteur e chegando até as figuras exponenciais da ciência atual, quantos ensinam e investigam. Mas, não façamos leis dessas figuras de excessão. Admitamos simplesmente que possa existir um ótimo professor sendo mau investigador e que se possa apresentar a figura oposta, mas todos concordemos que a cátedra deva ter como uma de suas finalidades precípuas o desenvolvimento do espírito de pesquisa entre seus elementos docentes. Em nossa cátedra assim procedemos. Na atualidade temos um assistente desenvolvendo trabalho de especulação científica no setor da neuroanatomia. Os demais ou laboram em seus trabalhos inaugurais ou ainda, de acordo com seus pendores naturais, se estão dedicando a diferentes setores orgânicos. Quanto a nós, para não fugirmos à tendência natural e ao fascínio que em nós exerce o magistério, dirigimos a nossa atenção para assunto que nos parece bastante sério e o estamos atacando com sinceridade de propósitos: investigamos sobre ensino.

Professor e aluno

Temos para nós que os professores das primeiras séries médicas arcam com tremenda responsabilidade em relação à educação médica, pois recebem a matéria a ser plasmada, o estudante, quase em seu estado bruto. De sua dedicação, de sua compreensão do problema e, sobretudo, do exercício efetivo de sua função educacional dependerá em grande parte a for-

mação educacional do estudante. A sua incompreensão ou desidia farão com que se deforme o educando em sua fase inicial, o que dificultará sobremodo o trabalho das séries ulteriores. Costumamos estudar o estudante sobre todos os seus aspetos, desde seus primeiros contatos com o Instituto de Anatomia, quando lhe são ditadas tôdas as normas de procedimento, desde as mais simples e decorrentes do respeito e propriedade de atitudes a serem observados no local do estudo, até as mais complexas, como as atinentes à adaptação ao sistema, orientação de iniciativas, etc. As reações emocionais, tão frequentes no início do curso médico, são também estudadas e combatidas pela estimulação ao aluno que as apresente. Tratamos ainda, de início, de mostrar ao estudante as suas obrigações para com o estudo que estará certamente na razão direta de sua boa vontade. Provindo de curso secundário onde se aprende quase que por pura memorização, terá agora que se adatar à condição que se lhe oferece de aprender observando.

O Instituto de Anatomia emprega o sistema de fichário para todos os estudantes que lhe são apresentados. Aí são assinaladas sua vida pregressa, no ginásio e no colégio, bem como a situação de seu concurso vestibular. Ademais, tôdas as incidências de sua vida na cadeira, suas notas e fatos que assinalaram sua passagem, estão também contidos na ficha. A qualquer momento que se lhe solicite, pode o Instituto de Anatomia informar a situação atual ou passada de qualquer estudante que o frequente. Entendemos de grande valia o estudo das condições vocacionais e psicológicas que farão do estudante um bom profissional; esta, entretanto, seria tarefa para um departamento especializado da Faculdade; na sua ausência tentamos alguma coisa nêsse sentido, mas, falha de técnica e de tempo, não renderá, forçosamente, o que seria lícito esperar. Aos sábados costumamos convocar ao nosso gabinete pequenos grupos, 5 alunos no máximo, e com eles mantermos palestras em torno do que lhes moveu à opção pelo curso médico, e, ainda mais, sobre os problemas que tiveram ao ingressar, ou já na cadeira, e como resolvê-los. Nessas entrevistas, que por força das circunstâncias são rea-

lizadas em grupos quando deveriam ser individuais, procuramos remover tôdas as reações negativas que por ventura afligiam ao estudante em início de carreira. Fatos curiosos têm sido surpreendidos, derivados do desajustamento integral de moços que gostariam de ter estudado música, filosofia, arquitetura, etc., mas que por imposição familiar para cá vieram. Certo estudante, não sabemos como, conseguiu vencer o vestibular para se manter indefinidamente na primeira série porque seu pai, rico fazendeiro, ameaçava-lhe com suspensão da mesada caso abandonasse a carreira... A nosso conselho, e para seu bem e da profissão, é hoje ótimo industrialista. Certa moça, por sinal que com classificação ótima no concurso de habilitação, teve de manter luta feroz com a família que, pela sua situação social e econômica, opunha-se formalmente ao seu ingresso. Estes pequenos acidentes, surpreendidos quasi que em seara alheia, nos mostram a necessidade de manter a Faculdade um departamento adequado para este mister. Com frequência somos solicitados por alunos de outras séries, bem como do C. A. Sarmiento Leite, para opinarmos sobre atitudes suas. Criticamos acerbamente o que nos parece criticável, mas elogiamos e estimulamos tudo que mereça o nosso amparo. Sob auspícios de nossa cadeira, e com a assistência efetiva de um nosso colaborador, o Docente Tauphick Saadi, funcionou um centro de estudos do qual faziam parte alunos de tôdas as séries e cuja finalidade era toda dedicada à ciência. Por espaço de três anos o Centro Gaspar Viana exerceu a sua atividade profícua. Depois, por desinteresse dos moços, ou porque tenham egressado os seus mais entusiastas frequentadores, o Centro cessou a sua atividade. Estes núcleos que se deveriam criar e desenvolver na Faculdade, funcionam como verdadeiras fraternidades de alunos, selecionando os seus membros pelo critério estrito da capacidade. A sua finalidade será a elevação do nível cultural, cívico, social e moral do estudante. Os seus iniciadores poderiam ser passíveis de críticas fáceis, mas o serviço que prestariam ao próprio estudante lhes seria reconhecido pela justiça do tempo. Aí fica a idéia aos estudantes de boa vontade.

ENSINO

Este é, certamente, o aspecto mais sério do problema, pois além de uma simples obrigação funcional de ensinar, há o compromisso moral e intelectual de fazê-lo bem. Por motivos vários, climáticos ou ambientais, culturais ou simplesmente pessoais, a verdade é que não há e dificilmente poderia haver, uniformidade de pontos de vista, de técnicas e de conceitos relativos ao ensino médico. O fator pessoal é indiscutivelmente preponderante, assim o afirma a Unesco quando expressa opinião em seu relatório de 1953, reportando-se aos diferentes métodos de cada professor: "alguns apresentam seus objetivos por conferências, outros fazem demonstrações e, por fim, alguns exigem que o próprio estudante realize trabalhos práticos de laboratório." A observação nos diz que no nosso sistema universitário os professores se atêm à realização de aulas teóricas, gerais, e, aulas práticas, para grupos de alunos. Em nossa opinião esses elementos são exíguos para o aprendizado mas, de sã consciência não inculcamos o professor e sim ao regime de trabalho e à ausência de orientação pedagógica da instituição. O excesso de cátedras de nosso curriculum parece-nos um dos responsáveis pela situação, pois a divisão e subdivisão de horários cada vez possibilita menos qualquer iniciativa fora das clássicas aulas teórica e prática. Entretanto, aceitemos, senhores, professores, a inculpação que nos é devida à nossa ausência de iniciativa pois que certamente algo poderíamos fazer e pouco fazemos. Do que tenho memória apenas em uma ocasião ouvi, no recinto da Faculdade, um técnico em orientação pedagógica dizer-nos alguma coisa sobre métodos e técnicas de ensino e de aperfeiçoamento didático, esse mesmo, em que pese a sua notável capacidade, fazia-o em linguagem quebrada e pouco compreensível pela sua condição de estrangeiro. Como consequência da falta de orientação pedagógica e, como nos assoberbam os próprios problemas da matéria constante de nossas cátedras, deixando-nos pouco tempo para a informação de problemas técnicos do ensino médico, vamos continuando autodidatas, por vezes lamentando o que se poderia fazer e, outras vezes, por-

que não confessá-lo? enclausurados em nossa própria ignorância não temos preocupação de aperfeiçoamento.

Duas orientações de aparência opostas se propõem, na atualidade, a ministração do ensino médico e educação profissional. Na realidade não há oposição formal senão na interpretação de certos mestres. Ainda hoje alguns professores conduzem o seu ensino sob o regime do assessorado e da tutela, cerceando ao estudante qualquer liberdade de iniciativa. Este nada mais faz do que ouvir, repetir o que ouve e, raramente, repetir o que vê fazer. Passando-se dêste extremo ao outro vamos ter o chamado grupo dos evolutivos, presos ao ditame que vem do norte, em língua estrangeira: "medical education is self education". Bem interpretada e bem conduzida dentro de sua real significação, a educação médica dando direito de livre iniciativa ao estudante, tornando-lhe um elemento ativo em seu aprendizado, dentro da orientação que recebe, é certamente o caminho seguro da educação atual. Mas, desvirtuada presta-se à confusão e ao abandono do estudante à sua própria sorte. No Instituto de Anatomia não apenas permitimos como ainda estimulamos a livre iniciativa do estudante não o submetendo ao assessoramento total do assistente durante os trabalhos práticos. Orientamo-lo no que deve fazer, o que deve buscar e como fazê-lo. No decurso do ano de 1954, tivemos oportunidade de submeter um grupo de alunos a uma experiência que nos foi mais instrutiva do que aos próprios alunos. Distribuímos material necessário, aconselhámos-lhes livro auxiliar e os abandonámos à própria sorte, como se aconselha a fazer nos chamados "oasis culturais do país..." A região a estudar era o pescoço onde se encontram representados quasi todos os grandes sistemas e aparelhos orgânicos. Apenas esporadicamente um assistente verificava o que se fazia e informava sobre alguma dúvida, sem entretanto, interferir na iniciativa do grupo. O resultado foi o mais precário possível, nunca vimos tanta malversação de material e tamanha confusão de espírito. Os membros do grupo apelavam para os colegas mais orientados, para os dissecadores e mesmo para os assistentes. Mais adiante ouviremos a impressão

dos membros do referido grupo sobre o método. Com outra turma, adotámos o seguinte critério: antes de se iniciarem os trabalhos práticos um assistente, o Dr. Saadi, reunia os dissecadores e os orientava na maneira de proceder junto aos alunos, sobre o que lhes deveria chamar a atenção, quais técnicas que deveriam seguir, etc. Cada mesa onde trabalha um grupo de 5 alunos conta com um auxiliar a que chamamos de dissecador, aluno de série mais avançada. Os assistentes percorrem mesa por mesa, as vinte de que dispõe o Instituto, verificando apenas a marcha dos trabalhos e, pos vezes, estabelecendo discussões em grupos, arguindo-os sobre o que se está fazendo, etc. Os relatórios, questionários e tests a que submetemos os alunos periodicamente mostraram-nos a excelência dêste critério em contradição com a precariedade do primeiro, experimentado em nome do abandono total do aluno à sua auto-iniciativa. Esta não é cerceada no critério que seguimos, apenas é orientada. Não sabemos porque com tanta frequência cita-se Procklman que disse "ser a falta de guia preferível ao excesso de guia". Nenhum dos dois critérios é correto. Guie-se apenas o suficiente, nem demais nem de menos, e se estará no caminho certo.

Outro aspeto digno de consideração refere-se aos meios de que lança mão o professor para efetivar o seu ensino. Obviamente estamos admitindo que a cátedra de um curso superior da natureza do médico, não se atenha à prática rotineira de aula teórica, aula prática, arguição, prova parcial. Essa é, apenas, a obrigação funcional. Procuramos, por todos os meios úteis, manter o estudante em contáto permanente com o estudo. evitando-lhe fazê-lo, como é tão de sua tendência, apenas por ocasião das provas. Realizamos periodicamente conferências que, em geral, abordam temas de cultura superior, adotamos a prática de debates entre conferencistas como acontece nas palestras sobre ciência básica, projetamos filmes instrutivos e ilustrativos, procuramos manter contáto permanente com o estudante através das discussões em grupo, e, para aferir o aproveitamento efetivo, individual e coletivo, fazemos as turmas apresentarem relatórios, questionários e tests que, a parte de se constitui-

rem em elementos de aferição, oferecem oportunidade à própria cadeira de ajuizar sobre o desdobramento normal de suas diferentes secções de ensino. Para tornar o ensino dessa forma dinâmico contamos com a colaboração permanente de um grupo de assistentes devidamente capacitados sobre a orientação que adotamos, e, outro grupo, êste de estudantes, sistematicamente selecionados da turma anterior, sendo os seus dez primeiros alunos. Abusamos ainda da boa vontade de colegas que, com a maior frequência, vêm à cadeira expôr e projetar assuntos de suas especialidades, despertando des'tarte, nos recém iniciados o gosto e o amor pelo estudo.

Como estivessemos interessados em conhecer a opinião do estudante sobre os métodos de ensino empregados pela cadeira, sua receptividade e suas reações adversas, incluímos no questionário realizado no primeiro período de 1954 uma pergunta assim formulada: "Admite a existência de lacunas no ensino ministrado pela cadeira até agora? Tem alguma sugestão no sentido de aperfeiçoá-lo?" Dos 103 alunos presentes apenas 17 deixaram de responder. Um número grande, 51, respondeu **NÃO** tecendo pequenos comentários laudatórios. Dos 35 restantes, 14 apresentaram sugestões semelhantes, isto é, **SOLICITANDO MAIOR ASSISTÊNCIA DOS PROFESSORES AOS TRABALHOS PRÁTICOS**. Por curiosos, alguns, outros por encerrarem pontos de vista judiciosos para moços recém-iniciados, permitimo-nos transcrever algumas respostas que obtivemos. Êste é um entusiasta, pois respondeu: "Não. Porque nos torna mais ativos e nos dá, como jovens que somos, o prazer de descobrir na dissecação aquilo que nunca havíamos visto". Êste outro afirmou: "Sim. Há êrros naturais sempre existentes em qualquer método de ensino que, graças à boa vontade dos mestres e, principalmente nossa, serão sanados". Um outro não pode deixar de ser citado pois encerra personalidade e coragem de atitude do autor: "Sim. Não há unidade de ensino — cada professor ministra o que julga importante e, como cada qual julga importante diferentes questões, resulta que não sabemos afinal o que é de fato importante". Como se vê foi um ataque frontal

ao qual, para a avaliação de diferentes pontos de vista em uma coletividade, opomos a resposta de outro aluno: "Não. Julgo que o novo método é quasi perfeito. O que apredemos com esforço próprio reteremos para sempre". Tôdas as respostas alguma coisa nos ofereceram como elementos para a perfeita compreensão do estudante e, pelo equilíbrio de seu raciocínio de leigo, não poderíamos deixar de citar esta: "Não se pode fazer juízo sobre algo quando não se tem conhecimento perfeito sobre êsse algo". Curiosa é a observação de como foge o estudante do abandono a que se o relega em nome da "self education". A queixa dêste foi observada em número considerável de respostas ao questionário: "Não. Sugiro mais assistentes nas aulas práticas, um para cada mesa, quasi que permanente". Finalmente, como não poderia deixar de ser, apresentou-se uma resposta daquelas que nos habituamos a ouvir sobre tôdas as coisas, contra tudo e contra todos, e que nos faz recordar a história daquele naufrago que ao atingir uma ilha perguntou se havia govêrno... Esta foi a sua opinião: "Sim. Êstes testes. Deveria haver mais espaço para as respostas, melhor impressão e menos perguntas".

As questões formuladas o são de maneira a exigirem o emprêgo do raciocínio por parte do aluno e exigem respostas breves, sem dissertação extensa. Damos um espaço de apenas duas linhas e visamos com isso treinar o estudante a sintetizar a exteriorização do pensamento e a afastá-lo da prolixidade tão de seu feitio. Os questionários em apreço são assinados pelo aluno e assim procedemos com o intuito de familiarizá-lo com o concêito de responsabilidade de suas atitudes e opiniões.

SUBSÍDIOS PARA O SISTEMA DE AFERIÇÃO

Relatórios

Durante o primeiro período de 1954 exigíamos dos alunos a apresentação de um relatório sobre a parte do corpo objeto de dissecação mas, apesar de reco-

CADEIRA DE ANATOMIA

Ano letivo de 1954

mendação explicativa de se afastarem o mais possível das noções livrescas e se reportarem apenas ao que fôra observado, os estudantes estendiam-se demasiadamente em considerações sobre estruturas que certamente não haviam visto. Suspendemos a realização dos relatórios por julgá-la de pouca eficiência e destituída de sentido prático, muito embora a sua finalidade seja a de habituar o estudante a registrar o fruto de sua própria observação. Gostaríamos de insistir com o método, pois a nossa experiência nos diz da fraqueza do estudante que vem do curso pré-universitário em matéria de transmissão escrita de seu pensamento. A verificação deste fato é sempre possível, por ocasião dos exames, pela disparidade acentuada entre as provas escritas, via de regra más, e as provas orais. Entendemos que os relatórios deveriam ser lidos e comentados com os respectivos autores, mas isto os torna ainda mais trabalhosos em face da dificuldade de horário e exiguidade de pessoal docente. Já externamos a nossa opinião de que quanto maior fôr o número de vezes que se procure aferir o conhecimento do estudante, tanto melhor. Esta prática mantem-no com o espírito prevenido de que a qualquer momento pode ser objeto de um pequeno exame de cuja suficiência dependerá a possibilidade de realização da prova parcial. Para que se alcance este objetivo necessário se torna atribuir nota ao referido exame, seja êle da natureza que fôr. Em nossa cadeira o grau de estágio é a resultante de tôdas as notas recebidas durante o período, isto é, relatórios, questionários, tests, arguições práticas, etc., e não como é funcionalmente exigido com apenas uma rápida arguição feita às vésperas da prova parcial. Poder-se-ia argumentar que essa prática diminui o já pequeno número de horas disponíveis para cada cadeira. Argumentação fraca em face da objetividade do método. O aluno está simultaneamente sendo examinado e aprendendo, o professor, por sua vez, está verificando o conhecimento do aluno-indivíduo e se capacitando da situação do aluno-coletividade em relação às diferentes partes de sua disciplina. Isto é fácil inferir-se do exame destes gráficos.

1.º Período — Foram formuladas 60 questões, distribuídas em 6 grupos, atribuído-se o valor 10 a cada resposta certa.

GRUPOS	MÉDIAS
Anatomia Geral	53,0
Osteologia	63,4
Artrologia	63,5
Miologia	60,0
Angiologia	70,0
Neurologia	53,3

2.º Período — Foram formuladas 60 questões, distribuídas em 3 grupos, atribuindo-se o valor 10 a cada resposta certa.

GRUPOS	MÉDIAS
Neurologia	60,1
Abdomem	67,0
Tórax	44,2

CADEIRA DE ANATOMIA

Ano letivo de 1954

Alunos matriculados	112	(11 depend.)
Alunos aprovados por média	2	1,923 %
Alunos aprov. em 1.ª época	83	79,807 %
Alunos aprov. em 2.ª época	6	5,769 %
Total de aprovações	89	85,578 %
Alunos reprovados	19	18,269 %
Alunos desistentes	4	3,846 %

1.º Período — Foram formuladas 60 questões, distribuídas em grupos de 10, atribuindo-se o valor 10 a cada resposta certa.

GRUPOS	Médias		
	70—100	50—69	abaixo de 50
Anatomia Geral	18,2%	47,1%	34,6%
Osteologia	26,9%	47,1%	25,9%
Artrologia	45,1%	33,6%	21,1%
Miologia	25,9%	34,6%	39,4%
Angiologia	54,8%	32,7%	12,5%
Neurologia	19,2%	35,5%	45,1%

2.º Período — Foram formuladas 30 questões, distribuídas em 3 grupos, atribuindo-se o valor 10 a cada resposta certa.

GRUPOS	Médias		
	70—100	50—69	abaixo de 50
Neurologia	29,9%	51,1%	19,1%
Abdomem	49,9%	37,7%	13,1%
Tórax	33,3%	9,9%	57,7%

CADEIRA DE ANATOMIA

Ano letivo de 1955

1.º Período — Foram formuladas 50 questões, distribuídas em 5 grupos, atribuindo-se o valor 10 a cada resposta certa.

GRUPOS	MÉDIAS
Anatomia Geral	63,8
Osteologia	66,2
Artrologia	67,5
Miologia	51,0
Angiologia	50,7

2.º Período — Foram formulados 45 testes, versando sobre: miologia, aparelho digestivo, aparelho respiratório e neurologia.

A média obtida pela turma foi de 55,3.

CADEIRA DE ANATOMIA

Ano letivo de 1955

Alunos matriculados	96	(24 depend.)
Al. aprov. por média	2	2,083 %
Al. aprov. em 1ª época	69	71,875 %

1.º Período — Foram formuladas 50 questões, distribuídas em 5 grupos, atribuindo-se o valor 10 a cada resposta certa.

GRUPOS	Médias		
	70—100	50—69	abaixo de 50
Anatomia Geral	43,4%	40,8%	15,8%
Osteologia	44,7%	43,4%	11,8%
Artrologia	50,0%	39,4%	10,5%
Miologia	11,8%	43,4%	44,7%
Angiologia	11,8%	42,1%	46,0%

2.º Período — Foram formulados 45 testes versando sobre: miologia, aparelho digestivo, aparelho respiratório e neurologia.

Médias	
7 — 10	10,9 %
5 — 6,9	57,5 %
abaixo de 5	31,5 %

Questionários e tests

Pela sua simplicidade, facilidade de correção, que pode ser feita pelo próprio estudante, eficiência de seus resultados, certamente a realização periódica de tests selecionados constitui-se em ótimo sistema de aferição dos conhecimentos do aluno. Quando da presença entre nós do notável técnico e orientador pedagógico Dawne Collins solicitamos-lhe que se correspondesse com instituições americanas e inglesas no sentido de obter informações sobre a prática dos tests em cadeiras de anatomia, sua real utilidade, e, dentro da possibilidade relativa, tentasse obter das mesmas instituições cópias de tests geralmente empregados, das quais pretendíamos obter elementos para a orientação de nossos próprios tests.

Responderam-lhe, e conosco estão as respostas, Oxford na Inglaterra, Iowa nos Estados Unidos e algumas outras organizações não universitárias.

Tanta relevância se atribue a este setor na admirável organização universitária americana que há um serviço, o Educational Testing Service, sediado em Princeton, com a exclusiva finalidade de organizar tests para os institutos educacionais e, especialmente, para os chamados exames de estado a que se submetem os médicos naquele país. Da mesma maneira a Associação das Escolas Médicas Americanas dispõe de uma secção de Estudos cuja principal finalidade é a de

fornecer e aconselhar às faculdades de medicina elementos e meios de aferição. Durante o ano de 1954 e primeiro período de 55 empregamos os questionários. Porém, pela maior dificuldade de correção e, sobretudo, por exigirem mais tempo do aluno, no segundo período de 55 substituímo-los pelos tests. Ambos os processos oferecem ótimos resultados. Apenas diferem quanto à aplicabilidade, na forma de correção. Os gráficos abaixo mostram-nos o que é possível verificar-se com o seu auxílio.

EXEMPLOS DE TESTES

Os músculos mastigadores são inervados por:

- a) — 7.º par craniano
- b) — 5.º par craniano
- c) — 9.º par craniano
- d) — plexo cervical

Os músculos que abrem a fenda glótica são:

- a) — tiro-aritnoideo
- b) — crico-aritnoideo posterior
- d) — crico-aritnoideo lateral
- d) — ari-aritnoideo
- e) — crico-tiroideo
- f) — nenhum deles
- g) — todos eles

O lobo de Wrisberg é isolado do parenquima pulmonar:

- A — direito
- B — esquerdo

- a) pela crossa aórtica
- b) — pela cava superior
- c) — pela crossa da azigos
- d) — pela cisura horinzontal

O círculo arterial da margem D do estômago é formado pelas anastomes entre:

- a) — hepática e gástrica E
- b) — esplênica e gastro-epiplóica D
- c) — gástrica D e gástrica E
- d) — gástrica E e mesentérica superior

O exame da face posterior do estômago pode ser feito através do:

- a) — meso — colon transverso
- b) — meso-sigmoide
- c) — epiploon gastro-hepático
- d) — mesentério
- e) — hiato de Winslow
- f) — ligamento gastro-cólico
- g) — epiploon gastro-esplênico

Os aferentes simpáticos do plexo solar atingem-no por via:

- a) — cadeia látero-vertebral lombar
- b) — nervos esplâncnicos
- c) — nervo frênico
- d) — nervos cardíacos inferiores

O nerônio de Waldeyer é:

- a) — o corpo celular
- b) — o axônio
- c) — os dentritos
- d) — o conjunto de todos êsses elementos

A consequência de uma lesão medular determinada é a paralisia do membro inferior E; qual o feixe interessado?

- a) — Gowers D
- b) — Burdach E
- c) — piramidal E
- d) — piramidal D

A secção da hemi-medula D traz como consequência:

- a) — paralisia D
- b) — paralisia E
- c) — perda da sensibilidade superficial a D
- d) — a mesma coisa a E
- e) — perda da sensibilidade profunda D
- f) — perda da sensibilidade profunda E

Qual o papel das granulações de Pacioni:

- a) — formação do líquido
- b) — órgãos hemetopoiéticos
- c) — absorção do líquido

APERFEIÇOAMENTO DO PESSOAL DOCENTE

Entendemos ser ponto básico para a aplicação de bons métodos de ensino médico, a experiência de uma equipe docente com uniformidade de pontos de vista e orientação, bem treinada para as diferentes missões confiadas a cada um de seus membros, que apresente indiscutíveis condições vocacionais e boa vontade no sentido da evolução e do aperfeiçoamento de suas qualidades didáticas. Esta seria certamente a equipe ideal e, tanto quanto possível, procuramos organizá-la em nossa cadeira. A uniformidade de orientação está sendo obtida através de reuniões periódicas nas quais são trocados pontos de vista sobre o normal desdobramento da matéria, sobre a orientação mais eficiente para os trabalhos de laboratório, problemas de nomenclatura anatômica, enfim, sobre todos os assuntos de interesse do ensino no Instituto. Temos por hábito assistir periodicamente a aulas ministradas por assistentes, findas as quais fazemos a crítica e discutimos os pontos fracos e fortes da preleção. Este critério, se bem que bastante simplificado, da exemplificação feita entre nós pelo orientador Dwane Collins e para a qual servimos mesmo de cobalo, já adotávamos de longa data e, pelos seus resultados positivos, pretendemos intensificá-lo nos moldes como nos foi apresentado pelo técnico. E' esta uma norma salutar de aperfeiçoamento e pela sua natureza deveria ser adotada por professores interessados no assunto. Com eles nos prontificamos a prestar a nossa colaboração em qualquer momento seja ela desejada.

Um de nossos assistentes é atualmente bolsista da Fund. Rockefeller em São Paulo e se prepara para estender o seu campo de observação à América do Norte. De valia nos tem sido as observações que nos manda daquele centro científico, sobretudo as relativas a métodos de ensino adotados naquela Faculdade. Atribuímos grande valor à seleção vocacional e formação ulterior do pessoal docente de uma cadeira. Quanto à nossa, estamos adotando critério ao qual atribuímos grande esperança, se bem que não possamos, por precoce, afirmar se seus resultados

serão satisfatórios, mas atribuímos grande esperança em seus futuros benefícios: todos os anos, entre os alunos que mais se destacaram, não apenas pelas suas notas, mas, ainda, pela contração ao trabalho, pelo gosto demonstrado no laboratório, pela frequência ao Instituto, em fim, por todos os motivos que nos levaram a considerá-lo um cientista potencial, selecionamos um grupo de 10 cujos componentes, no ano seguinte, desempenharão as funções de dissectores, isto é, auxiliares diretos dos estudantes nos trabalhos práticos. Estes dissectores, diariamente, antes do início da prática de laboratório, recebem instruções sobre suas finalidades e atribuições junto às mesas de trabalho, sobre o que devem interferir, sobre as técnicas que serão empregadas, em fim, sobre tudo que se relacione com a tarefa do dia. Há dois anos, já, estamos adotando e pondo em prática esta medida que, particularmente em 1955, foi benéfica quando, por motivos pessoais, estivemos privados de dois de nossos colaboradores.

Somos dos que entendem que, quanto mais trabalho, mais tempo há para executá-lo. Isso se verifica com os nossos dissectores que, permanecendo longo tempo no Instituto de Anatomia, não abandonam suas próprias obrigações escolares com as cadeiras das séries a que pertençam. Via de regra vencem-nas airoosamente.

Admitimos, ainda, colaboradores voluntários e estagiários. Os primeiros dos quais, exemplo de boa vontade, pode ser buscado na pessoa do Dr. Cláudio Fichtner a quem atribuímos a pesada tarefa

de lecionar neuro-anatomia, cumprem suas obrigações para com o Instituto como se as mesmas decorressem de um contrato funcional. Para o exercício da colaboração voluntária somente aceitamos candidatos que se submetam às normas de trabalho da cadeira.

Quanto aos estagiários, já este ano inscreveu-se o Dr. Leo Mabilde, assistente da cadeira de clínica cirúrgica infantil e ortopédica. Esta prática, que encontramos adotada no Uruguai de forma obrigatória para os assistentes de cadeiras de natureza cirúrgica, é de grande valia para as duas disciplinas, à nossa porque receberia anualmente mais um colaborador a quem se atribuiria tarefa determinada, e à de origem porque teria, desta forma, a possibilidade de fazer com que seus assistentes, em rodízio, recordassem a anatomia, base indiscutível da prática cirúrgica.

Esta é, em suma, toda a nossa pequena experiência adquirida no trato com os alunos no Instituto de Anatomia. Todas as medidas ali postas em prática podem, certamente, ser extendidas a qualquer cadeira da Faculdade já que se tratam de métodos gerais, objetivos, racionais e já experimentados. Não pretendemos transformar a nossa cátedra em Instituto de pesquisas pedagógicas mas, isso sim, continuaremos com o mesmo afincio selecionando métodos e aplicando os que nos pareçam mais úteis ao nosso meio e às nossas condições. Estamos seguros de que assim estaremos operando em campo sadio por estarmos, ainda que dentro de nossas naturais limitações, cooperando para o aprimoramento do nível cultural da nossa Faculdade.